Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

EVOLUÇÃO DA CACAUICULTURA NO BRASIL: análise da produção, cadeia produtiva e comportamento dos preços no contexto global

EVOLUTION OF COCOA FARMING IN BRAZIL: analysis of production, supply chain, and price behavior in a global context

Kamili Vitoria Miranda Marques[I]
Daltro Cella[II]
Maria Clara Janoni Jorge[III]
Paula Regina de Jesus Pinsetta Pavarina[IV]

RESUMO

O trabalho analisa a evolução da cacauicultura no Brasil, considerando aspectos históricos, produtivos, a estrutura da cadeia e sua inserção no mercado internacional, com foco na formação e no comportamento recente dos preços. A pesquisa é de natureza aplicada, com abordagem quali-quantitativa, baseada em revisão de literatura e dados secundários de fontes nacionais e internacionais, possibilitando uma análise integrada do setor. Os resultados mostram que a atividade passou por ciclos de expansão e crise, com deslocamento da produção da Bahia para o Pará e avanço do Espírito Santo, especialmente na produção de cacau de maior valor agregado. Também se identifica elevada produção africana, concentração no processamento industrial e limitada participação brasileira nas exportações de amêndoas. Conclui-se que há potencial de crescimento por meio da agregação de valor e inovação, embora persistam desafios estruturais e forte volatilidade de preços, influenciados pela oferta e demanda global, fatores climáticos, especulação financeira nas bolsas de cacau, taxa de câmbio e custos logísticos.

Palavras-chave: cacau; ciclo do cacau; mercado internacional; formação de preços; Brasil.

ABSTRACT

This study analyzes the evolution of cocoa farming in Brazil, considering historical and productive aspects, the structure of the supply chain, and its insertion in the international market, focusing on the formation and recent behavior of prices. The research is applied in nature, with a qualitative-quantitative approach, based on a literature review and secondary data from national and international sources, allowing for an integrated analysis of the sector. The results show that the activity has gone through cycles of expansion and crisis, with a shift in production from Bahia to Pará and an advance in Espírito Santo, especially in the production of higher value-added cocoa. A high concentration in industrial processing and limited Brazilian participation in bean exports is also identified. It concludes that there is potential for growth through value addition and innovation, although structural challenges and strong price volatility persist, influenced by global supply and demand, climatic factors, financial speculation on cocoa exchanges, exchange rates, and logistical costs.

[I] Estudante de Agronegócios, Fatec Taquaritinga, kamilimiranda321@gmail.com.
[II] Doutor, Fatec Catanduva, daltro_cella@yahoo.com.br. Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/2393058748696734
[III] Estudante de Agronegócios, Fatec Taquaritinga, mariajj.clara@icloud.com.
[IV] Doutora, Unesp-Franca/SP, paula.pavarina@unesp.br. Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/8843531675243100

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

Keywords: cocoa; cocoa cycle; international market; price formation; Brazil.

Data de submissão do artigo: 12/05/2026.
Data de aprovação do artigo: 25/09/2026.
DOI: https://doi.org/10.52138/citec.v8i1.589

1 INTRODUÇÃO

O cacau é o fruto do cacaueiro (*Theobroma cacao*), planta tropical originária da América Central e do norte da América do Sul. Seu nome científico, que significa "alimento dos deuses", reflete sua importância histórica para civilizações como Maias e Astecas, que utilizavam suas sementes como bebida e moeda. O cacaueiro se desenvolve em regiões quentes e úmidas da faixa intertropical e pode atingir entre 5 e 8 metros de altura, podendo crescer mais em condições naturais, dependendo do ambiente e do manejo (Landau *et al.*, 2020).

A cacauicultura possui papel relevante na formação econômica e social do Brasil, especialmente em regiões como Bahia (BA), e mais recentemente nos estados do Pará (PA), Espírito Santo (ES) e Rondônia (RO). Ao longo do tempo, essa atividade passou por diferentes ciclos de expansão e crise, sendo influenciada por fatores históricos, estruturais e pelo dinamismo do mercado internacional. Nesse contexto, compreender a evolução da produção, a organização da cadeia produtiva e a inserção do Brasil no mercado global torna-se fundamental para analisar os desafios e oportunidades do setor.

De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) citado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), a produção de cacau no Brasil conta com mais de 93 mil estabelecimentos produtores, dos quais cerca de 69 mil estão na Bahia (74% do total) e 18 mil no Pará (19%), concentrando, juntos, aproximadamente 93% das propriedades dedicadas ao cultivo. Em média, cada unidade emprega 2,89 pessoas, resultando em cerca de 269 mil postos de trabalho diretos, sem incluir os empregos temporários no período de colheita. Essa estrutura produtiva contribui para a geração de renda e dinamização econômica dos municípios produtores (FIESP, 2021).

O objetivo geral deste trabalho foi analisar a evolução da cacauicultura no Brasil, considerando seus aspectos históricos, produtivos e sua inserção no mercado internacional, com ênfase na dinâmica recente de preços e na organização da cadeia produtiva. Especificamente buscou-se descrever os ciclos históricos do cacau no país; caracterizar a estrutura e os elos da cadeia produtiva; apresentar o panorama da produção nacional; analisar a participação do Brasil no mercado global de cacau; e compreender os fatores que determinam a formação e o comportamento dos preços da amêndoa de cacau.

Justifica-se a realização deste estudo devido a importância econômica e social da cacauicultura, bem como na necessidade de compreender suas transformações recentes diante de um mercado global altamente competitivo e volátil. Além disso, o tema é relevante por contribuir para o entendimento das relações entre produção agrícola, indústria e comércio internacional, auxiliando na identificação de tendências, desafios estruturais e possibilidades de desenvolvimento para o setor cacaueiro brasileiro.

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

2 A CACAUICULTURA NO BRASIL: dos ciclos históricos à inserção no mercado global

O cacau tornou-se um produto relevante no comércio europeu após sua difusão pelos espanhóis, sendo posteriormente incentivado por Portugal no Brasil por meio de medidas como a Carta Régia de 1677 e o alvará de 1680. Com a descoberta do cacau silvestre na região amazônica, sua exploração se expandiu entre colonos e missionários, levando a Coroa portuguesa a estabelecer, em 1684, punições contra fraudes na comercialização (pintar o cacau verde de maduro). Apesar da ampliação do cultivo, a escassez de mão de obra gerou conflitos entre colonos e ordens religiosas, como demonstra o pedido de Francisco de Melo Palheta, em 1734, por trabalhadores indígenas para viabilizar sua produção (Simonsen, 1978).

A Coroa portuguesa incentivou aqueles que produzissem cacau por meio da isenção de impostos de exportação por um período de seis anos. A produção de cacau, no entanto, só ganhou força a partir do século XVIII, tornando-se um produto importante na economia da Bahia, quando as primeiras sementes de cacau foram levadas com o objetivo de desenvolver a atividade econômica lá. Isso se deu como alternativa para a produção açucareira, em decadência na região. Em 1752, as primeiras plantações foram feitas em Ilhéus e no sul da Bahia, onde o cacau se adaptou bem ao clima quente e úmido (Silva, 2026).

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a produção de cacau seguiu crescendo na Bahia, mas foi a partir da década de 1890 que a produção ganhou força dando início ao que é conhecido como primeiro ciclo do cacau, quando a Bahia se tornou a maior produtora de cacau do Brasil. A região sul da Bahia viveu o ápice dessa produção entre as décadas de 1900 e 1920, e estima-se que tenha alcançado o total de 370 mil toneladas por ano, fazendo do Brasil o responsável por cerca de 25% de toda a produção mundial de cacau. Durante esse período, ocorreram violentas disputas por terras. Os primeiros produtores de cacau enriqueceram e passaram a integrar a elite regional, tornando-se conhecidos como coronéis. Utilizando seu poder econômico, influência política e, em muitos casos, a violência, apropriaram-se das terras pertencentes a pequenos produtores (Silva, 2026).

O segundo ciclo do cacau começou na década de 1920 quando os ingleses, na Costa do Ouro (Gana), conseguiram produzir mais cacau que o Brasil prejudicando os produtores e a exportação do cacau brasileiro. A reação à concorrência inglesa ocorreu a partir de 1931, quando foi criado o Instituto de Cacau da Bahia (ICB), com o objetivo de assegurar o desenvolvimento da produção por meio de financiamentos e garantias de comercialização da safra. Posteriormente, a partir da década de 1940, a produção de cacau no Brasil enfrentou flutuações do mercado e problemas como dificuldades com a colheita devido às pragas, redução dos preços internacionais da mercadoria e concorrência estrangeira. Para enfrentar o declínio do setor cacaueiro, o governo brasileiro criou a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) em 1957, com a finalidade de fomentar a pesquisa, a assistência técnica e o manejo sustentável da cacauicultura, sendo importante para o fortalecimento da economia e produção de cacau na Bahia, no Pará, em Rondônia e no Espírito Santo (Silva, 2026).

O terceiro ciclo do cacau se caracterizou pela criação de uma comissão federal que tinha como objetivo garantir o desenvolvimento e a prosperidade da economia cacaueira no Brasil. Para isso foram constituídos órgãos e programas de incentivo à produção do cacau, com o objetivo de expandir a produção. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Ministério Público do Trabalho (MPT), essas políticas de incentivos à produção de cacau deram resultados, pois no final da década de 1970, o cacau chegou a gerar mais de R$ 2 bilhões de receita para o país. Porém, no final da década de 1980 e início da década de 1990, a produção cacaueira na Bahia foi comprometida por uma doença fúngica

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

chamada “vassoura-de-bruxa”, diminuindo drasticamente a produtividade das plantações de cacau na Bahia (OIT; MPT, 2018).

A produção de cacau trouxe prosperidade para a região sul da Bahia, mas, por outro lado, causou outras consequências, tais como: a consolidação de uma burguesia dominante na Bahia; a disputa por terras; o desenvolvimento de infraestrutura em Ilhéus; a dependência do mercado externo; o estabelecimento da monocultura; aumento da desigualdade social; e, a degradação ambiental (Trevizan; Marques, 2002).

2.1 A cadeia produtiva do cacau e a rastreabilidade

A cadeia do cacau pode ser subdividida em cinco grandes segmentos: insumos agrícolas para a produção do cacau; produção e comercialização de cacau; processamento de amêndoas de cacau; indústria de chocolate e derivados; e, distribuição para o consumo.

O primeiro elo da cadeia produtiva é composto pelos fornecedores dos insumos para a produção agrícola (sementes, mudas, defensivos e fertilizantes); além das máquinas, equipamentos e implementos. A produção primária mais tradicional tem baixa utilização de insumos, exceto as áreas plantadas mais recentes que são mais tecnificadas, com o uso de novos sistemas de produção, variedades mais produtivas e adequadas e com o uso da irrigação para se obter alta produtividade (OIT/MPT, 2018).

O segundo elo da cadeia, de acordo com a Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), está relacionado com a produção de cacau, concentrada na Bahia, no Pará, em Rondônia e no Espírito Santo, com mais de 93 mil propriedades e com área média de 6 hectares cada. Na Bahia as lavouras cacaueiras estão no meio da Mata Atlântica com sombreamento (chamada cabruca) e baixa produtividade, abaixo de 20 arrobas por hectare. Já no Pará, as lavouras são em linha sem sombreamento e com produtividade média entre 33 e 60 arrobas por hectare. A safra ocorre entre outubro e abril e a colheita temporã (frutos que amadurecem fora da época principal) entre maio e setembro (AIPC, 2026).

Dos frutos do cacau são extraídas as amêndoas que são comercializadas pelos produtores com os intermediários, que possuem a função de formar lotes homogêneos de amêndoas para comercialização com as processadoras. O perfil desse elo é diferente em cada região, sendo que na Bahia é predominantemente formada por antigos exportadores de cacau e no Pará, além de intermediários locais, há presença de cooperativas de cacau realizando esse trabalho (Leite, 2018).

Após a comercialização as amêndoas de cacau seguem para o processamento, que atualmente está concentrado em quatro indústrias que detêm entre 93% e 95% da moagem do cacau, de acordo com a AIPC. Segundo Leite (2018), as três principais indústrias estão localizadas em Ilhéus, sul da Bahia, e possuem capacidade de processar aproximadamente 275 mil toneladas por ano, praticamente toda a produção nacional de amêndoas de cacau.

Quanto a produção de chocolates e derivados, o Brasil é um mercado dominado por poucas empresas e com uma certa competição, pois existem mais de cem indústrias espalhadas por todo o Brasil. Porém, três grandes empresas concentram aproximadamente 80% do mercado nacional (AIPC, 2026).

O último elo da cadeia do cacau é a distribuição e o varejo, elo capilarizado em todo o território nacional, o que facilita o consumo dos produtos derivados do cacau. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Chocolates, Amendoim e Balas (ABICAB), os locais onde os brasileiros costumam comprar chocolate com maior frequência são: 76% dos consumidores preferem comprar em supermercados e/ou hipermercados (maior na região Sul

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

e interior); 10% preferem comprar em bombonieres, mercearias e lojas de doces (maior nas classes D, E, Nordeste); 5% em lojas de departamento (maior na classe C, capitais e periferias); 4% em lojas exclusivas (maior nas classes A e B); 3% nas padarias; e, 2% em outros locais (ABICAB, 2014).

Para a fabricação e comercialização de chocolates e derivados são necessários como insumos o açúcar, o leite em pó e as embalagens. No Brasil costuma-se utilizar açúcar e leite em pó desnatado na proporção de 30% cada um. Estimativas apontam que os gastos em embalagens alcançam entre 1% e 3% do custo de produção total de chocolates (Leite, 2018).

Quanto ao mercado externo o Brasil exporta e importa todos os produtos da cadeia produtiva, de acordo com as demandas de mercado de cada ano no país. Portanto, compra e vende cacau, amêndoa, manteiga de cacau e chocolate, de acordo com as necessidades das processadoras de amêndoas, da indústria de chocolate e das empresas de distribuição e varejo.

2.2 Panorama da produção de cacau no Brasil

Segundo dados apresentados pela Produção Agrícola Municipal (PAM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção brasileira de cacau em 2024 se fez presente em 11 estados da federação, 67 microrregiões geográficas e em 336 municípios. Dentre os estados destacaram-se Pará (PA) e Bahia (BA), que juntos representaram 92,26% da produção nacional de amêndoas de cacau. Em terceiro lugar aparece o Espírito Santo (ES), que representou 4,09% da produção nacional, mas com uma produção de amêndoas de qualidade diferenciada; e, em quarto lugar está Rondônia (RO), com 2,93% da produção nacional (Tabela 1).

Tabela 1 – Produção de amêndoas de cacau em 2024 por unidades da federação (UF)

UF	Produção (Ton.)	% Estado	% acum.	Microrregião Geográfica	Produção (Ton.)	% por Micror.	% acum.	Município	Produção (Ton.)	% por município	% acum.
1.PA	137.455	46,20%	46,20%	1.Altamira	92.133	31,00%	31,00%	1.Medicilândia	40.977	13,77%	13,77%
2.BA	137.028	46,06%	92,26%	2.Ilhéus-Itabuna	85.427	28,70%	59,70%	2.Uruará	19.312	6,49%	20,26%
3.ES	12.166	4,09%	96,35%	3.Valença	22.076	7,40%	67,10%	3.Placas	12.880	4,33%	24,59%
4.RO	8.716	2,93%	99,28%	4.Jequié	18.568	6,20%	73,30%	4.Ilhéus	8.857	2,98%	27,57%
5.AM	770	0,26%	99,54%	5.Santarém	13.493	4,50%	77,90%	5.Wenc.Guimarães	8.505	2,86%	30,43%
6.RR	662	0,22%	99,76%	6.S. Félix Xingu	10.136	3,40%	81,30%	6.Ibirapitanga	8.394	2,82%	33,25%
7.TO	297	0,10%	99,86%	7.Linhares	9.252	3,10%	84,40%	7.Linhares	8.321	2,80%	36,05%
8.MT	152	0,051%	99,91%	8.Tucuruí	6.855	2,30%	86,70%	8.Anapu	8.242	2,77%	38,82%
9.CE	149	0,050%	99,96%	9.Porto Seguro	6.048	2,00%	88,70%	9.Novo Repartimento	6.666	2,24%	41,06%
10.MG	107	0,036%	99,998%	10.Ji-Paraná	5.720	1,90%	90,70%	10.Altamira	6.517	2,19%	43,25%
11.AL	7	0,002%	100%	Demais	27.801	9,30%	100%	Demais	168.838	56,75%	100%
Total	**297.509**	**100%**	-	**Total**	**297.509**	**100%**	-	**Total**	**297.509**	**100%**	-

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (2025)

Quanto às microrregiões geográficas adotadas pelo IBGE apresentadas na Tabela 1, destacaram-se Altamira (PA), com 31% da produção nacional, que abrange os municípios de Medicilândia (13,77%), Uruará (6,49%) e Placas (4,33%). A segunda microrregião que mais produziu cacau foi Ilhéus-Itabuna (BA), com 28,7% da produção nacional, com destaque para os municípios de Ilhéus (2,98%), Wenceslau Guimarães (2,86%) e Ibirapitanga (2,82%). Nos estados do ES e RO, as principais microrregiões são Linhares, que acumulou 3,1% da produção de cacau do Brasil, e Ji-Paraná, com 1,9% (IBGE, 2025).

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

2.3 O mercado de cacau no mundo

De acordo com o Banco de Dados Estatísticos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAOSTAT), apresentado na Tabela 2, a produção de amêndoas de cacau no mundo em 2024 está altamente concentrada em países africanos, especialmente da África Ocidental (FAOSTAT, 2024).

O mundo produziu aproximadamente 5.223.196 toneladas (t) de amêndoas de cacau em 2024 (Tabela 2). Agregando os dados de produção dos países por continente verifica-se que a África contribuiu com 65,57% dessa produção, equivalente a 3.424.757,50 t; a América Latina e o Caribe produziram 20,48%, ou seja, 1.069.680 de t; a Ásia contribuiu com 677.328,24 t, o que equivale a 12,97%; e, finalmente a Oceania com 51.429,70 t, o que representa 0,98% da produção global (FAOSTAT, 2024).

Tabela 2 – Produção, exportação e importação de amêndoas de cacau em 2024 por país

Produtores	Ton	% por País	Exportadores	USD	% por país	Importadores	USD	% por país
1. Costa do Marfim	1.890.442	36,19%	1. Costa do Marfim	4.866.905.754	25,97%	1. Países Baixos	3.976.045.686	21,21%
2. Indonésia	632.702	12,11%	2. Equador	3.090.770.944	16,49%	2. Malásia	3.081.133.352	16,44%
3. Gana	530.000	10,15%	3. Nigéria	2.201.103.766	11,74%	3. Alemanha	1.751.996.795	9,35%
4. Equador	403.699	7,73%	4. Gana	1.459.804.126	7,79%	4. Bélgica	1.478.605.046	7,89%
5. Nigéria	350.000	6,70%	5. Camarões	1.281.305.705	6,84%	5. Indonésia	1.240.271.189	6,62%
6. Camarões	320.000	6,13%	6. Peru	848.347.860	4,53%	6. EUA	1.136.697.922	6,06%
7. Brasil	297.509	5,70%	7. Holanda	693.787.300	3,70%	7. Singapura	702.886.797	3,75%
8. Peru	157.253	3,01%	8. Guiné	485.214.323	2,59%	8. Canadá	651.090.075	3,47%
9. Serra Leoa	93.750	1,79%	9. Rep. Dominicana	447.600.407	2,39%	9. França	576.537.558	3,08%
10. Colômbia	67.678	1,30%	10. Papua N. Guiné	353.896.022	1,89%	10. Espanha	563.869.390	3,01%
11. Rep. Dominicana	57.461	1,10%	11. Rep. Dem. Congo	351.274.211	1,87%	11. Itália	542.792.673	2,90%
12. Uganda	55.000	1,05%	12. Uganda	328.706.179	1,75%	12. Turquia	493.090.420	2,63%
13. Rep. Dem. Congo	50.000	0,96%	13. Bélgica	305.880.792	1,63%	13. México	333.933.612	1,78%
14. Papua Nova Guiné	45.000	0,86%	14. EUA	298.416.482	1,59%	14. Suíça	271.841.301	1,45%
15. Índia	30.388	0,58%	15. Malásia	240.696.216	1,28%	15. Reino Unido	230.836.819	1,23%
Demais	242.315	4,64%	Demais	1.488.723.089	7,94%	Demais	1.710.804.541	9,13%
Total	**5.223.196**	**100%**	**Total**	**18.742.433.176**	**100%**	**Total**	**18.742.433.176**	**100%**

Fonte: FAOSTAT (2024) e OEC (2024)

De acordo com o Observatório de Complexidade Econômica (OEC), em 2024 o comércio global de amêndoas de cacau atingiu USD 18.742.433.176,00. A Tabela 2 demonstra que os grandes produtores de cacau também são os maiores exportadores, com forte concentração geográfica na África. A liderança é da Costa do Marfim, com USD 4.866.905.754,00, representando 25,97% das exportações globais. Em terceiro vem a Nigéria exportando USD 2.201.103.766 (11,74%); em quarto aparece Gana com USD 1.459.804.126,00 (7,79%); e em quinto, Camarões com USD 1.281.305.705,00 (6,84%) forma-se um núcleo africano dominante, o que demonstra a importância da África na cadeia do cacau (OEC, 2024).

Quanto as importações de amêndoas de cacau há uma forte concentração das compras por parte dos países ricos, sede dos principais centros de armazenagem e processamento das amêndoas, com destaque para os Países Baixos na Europa, que importou USD 3,97 bilhões (21,21% de participação global) e para a Malásia na Ásia, que comprou em 2024 mais de USD 3,08 bilhões (16,44%) em amêndoas para transformar em amêndoa e pó de cacau. Esses dois países desempenham um papel estratégico na armazenagem, processamento e redistribuição de cacau e derivados para outros mercados do continente europeu e asiático (OEC, 2024).

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

O Brasil, conforme a Tabela 2, em 2024 foi o sétimo maior produtor de cacau com 297.509 t, que correspondeu a 5,7% da produção global. Quanto ao mercado externo, o Brasil foi o 56º maior exportador com USD 1.323.964,00 (0,007%) das exportações; e, o 20º maior comprador de amêndoas de cacau, importando USD 142.399.825,00 (0,76%) (OEC, 2024).

No Brasil, de acordo com a AIPC, praticamente tudo o que é produzido de cacau é processado internamente, sendo muitas vezes necessário a importação de amêndoas para atender a demanda do mercado externo por chocolates e derivados brasileiros e diminuir a capacidade ociosa das indústrias processadoras. Portanto, o volume de amêndoas de cacau a ser importado depende da safra nacional em condições de ser industrializada (AIPC, 2026).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa utilizou uma abordagem quali-quantitativa, cujo objetivo é analisar a evolução da cadeia produtiva do cacau, com foco na produção, no comércio internacional e nas dinâmicas recentes do mercado. Em relação aos objetivos, classifica-se como descritiva e explicativa, pois, além de apresentar os dados, busca compreender os fatores econômicos e estruturais que influenciam o setor cacaueiro (Gil, 2017).

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a fundamentação teórica da pesquisa tem como intuito relatar por meio da literatura o que já se publicou sobre o tema cacauicultura. Assim, o trabalho se apoia em um arcabouço teórico já consolidado por meio de livros, artigos científicos e publicações especializadas. A pesquisa documental baseou-se em dados secundários oriundos de instituições de reconhecida credibilidade nacional e internacional.

As informações qualitativas foram obtidas de artigos científicos e publicações dos seguintes autores: Krugman e Obstfeld (1999); Landau *et al.* (2020); Leite (2018); Silva (2026); Simonsen (1978); Trevizan e Marques (2002).

Por meio da abordagem analítico-interpretativa os dados quantitativos foram articulados ao referencial teórico, permitindo uma compreensão mais abrangente das transformações recentes na cadeia produtiva do cacau. Esse procedimento segue a perspectiva de análise integrada proposta por Gil (2017), possibilitando não apenas descrever o comportamento do setor, mas também identificar tendências, desafios e oportunidades para o desenvolvimento da cacauicultura no Brasil e no cenário internacional.

Os dados quantitativos foram obtidos de fontes secundárias em bases de dados nacionais e internacionais confiáveis: ABICAB (2014); AIPC (2026); Cocoa Intel (2025); Conab (2025); FAO/UN (2024); FIESP (2021); IBGE (2025); ICCO (2025); OEC (2024); OIT e MPT (2018); SEAG (2017).

Para a elaboração dos gráficos e tabelas, foram considerados somente os dados mais recentes, assegurando que as análises estejam em sintonia com o contexto atual. Essa abordagem contribui para uma melhor compreensão dos impactos econômicos e para a projeção de possíveis cenários futuros relacionados à produção e à comercialização do cacau.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresenta-se neste capítulo alguns resultados e uma discussão porque o preço é o principal mecanismo de ajuste de mercado, pois sinaliza condições econômicas, coordena decisões individuais e contribui para a alocação eficiente de recursos. Assim, o preço do cacau no mercado internacional é determinado pela interação entre fatores reais e financeiros, sendo resultado, principalmente, da dinâmica da Lei da Oferta e Demanda em escala global (Krugman; Obstfeld, 1999).

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

A oferta exerce papel central nesse processo, já que a produção de cacau está concentrada em países da África Ocidental, como Costa do Marfim e Gana. Dessa forma, condições climáticas adversas, pragas, doenças, estoques e variações na produtividade dessas regiões podem reduzir a produção e pressionar os preços para cima. Por outro lado, a demanda também influencia diretamente a formação do preço, sendo impulsionada principalmente pela indústria de chocolates e derivados e pelo crescimento econômico dos países consumidores. Quando há aumento do consumo mundial, ocorre uma pressão de alta sobre os preços do cacau. Além disso, os preços internacionais são definidos em mercados organizados, como as bolsas de *commodities* de Nova Iorque e Londres, onde são negociados contratos futuros que refletem não apenas as condições atuais, mas também as expectativas em relação ao comportamento futuro da oferta e da demanda (ICCO, 2025).

Outro elemento relevante é a atuação de investidores e especuladores de mercados futuros, que compram e vendem contratos com o objetivo de obter lucro, contribuindo para a volatilidade dos preços e a liquidez do mercado. Soma-se a isso a influência da taxa de câmbio, uma vez que o cacau, para o Brasil, é negociado internacionalmente em dólar, o que afeta a competitividade dos países produtores e o valor recebido em moeda local. Além disso, os níveis de estoques globais e os custos logísticos, como transporte e seguro, também impactam a formação do preço internacional (AIPC, 2026).

Dessa forma, o preço do cacau no mercado internacional resulta de um conjunto complexo de fatores interdependentes, envolvendo condições produtivas, demanda global, expectativas de mercado e variáveis financeiras, refletindo a dinâmica do comércio internacional dessa *commodity* (ICCO, 2025).

O cacau é negociado na *ICE Futures U.S.* em Nova York (*NYMEX*) e na *ICE Futures Europe* em Londres (*LIFFE*). Isso significa que as amêndoas têm seu preço balizado pelas cotações do pregão. No caso do produto brasileiro, a referência é a Bolsa de Nova Iorque. A cotação do cacau na bolsa oscila de acordo com a oferta e a demanda. Se a oferta de amêndoas é maior que a demanda o preço tende a cair. Se a demanda for maior que a oferta, o preço tende a subir. A *NYMEX* também estabelece o diferencial, que é um valor adicional pago pelo cacau entregue diretamente pelos produtores e que são atualizados com frequência (AIPC, 2026).

No Brasil os compradores usam como base os preços da *NYMEX* + diferencial x taxa de câmbio (R$/USD). No entanto, o diferencial no Brasil depende de outros três fatores: relação demanda e oferta; custos com logística; e, tributação (AIPC, 2026).

Os preços médios do cacau foram obtidos a partir dos dados disponibilizados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), por meio do Sistema de Informações Agropecuárias e de Abastecimento (Siagro) (Conab, 2025).

De acordo com a Conab, a Gráfico 1 apresenta a evolução dos preços da amêndoa de cacau entre os anos de 2023 e 2025 nas principais regiões produtoras do Brasil (BA, PA, RO e ES) além da cotação internacional da *commodity*. A análise gráfica evidencia uma tendência predominante de valorização ao longo de 2023 e no início de 2024. Nesse período, os preços partiram de níveis relativamente baixos, situados entre aproximadamente 10 e 20 mil reais por tonelada nas principais regiões produtoras brasileiras, passando a registrar aumentos graduais em consonância com o aquecimento do mercado internacional do cacau (Conab, 2025).

A partir de 2024 todas as regiões apresentam um salto significativo, com picos entre meados de 2024 e início de 2025 acima de 60 mil reais a tonelada. Isso ocorreu devido à redução na produção na África Ocidental ocasionado por doenças não tratadas, como o inchaço dos brotos, solo esgotado e árvores de cacau envelhecidas. Tudo isso combinado com padrões de chuva irregulares, transformando o que parecia ser mais um déficit de produção

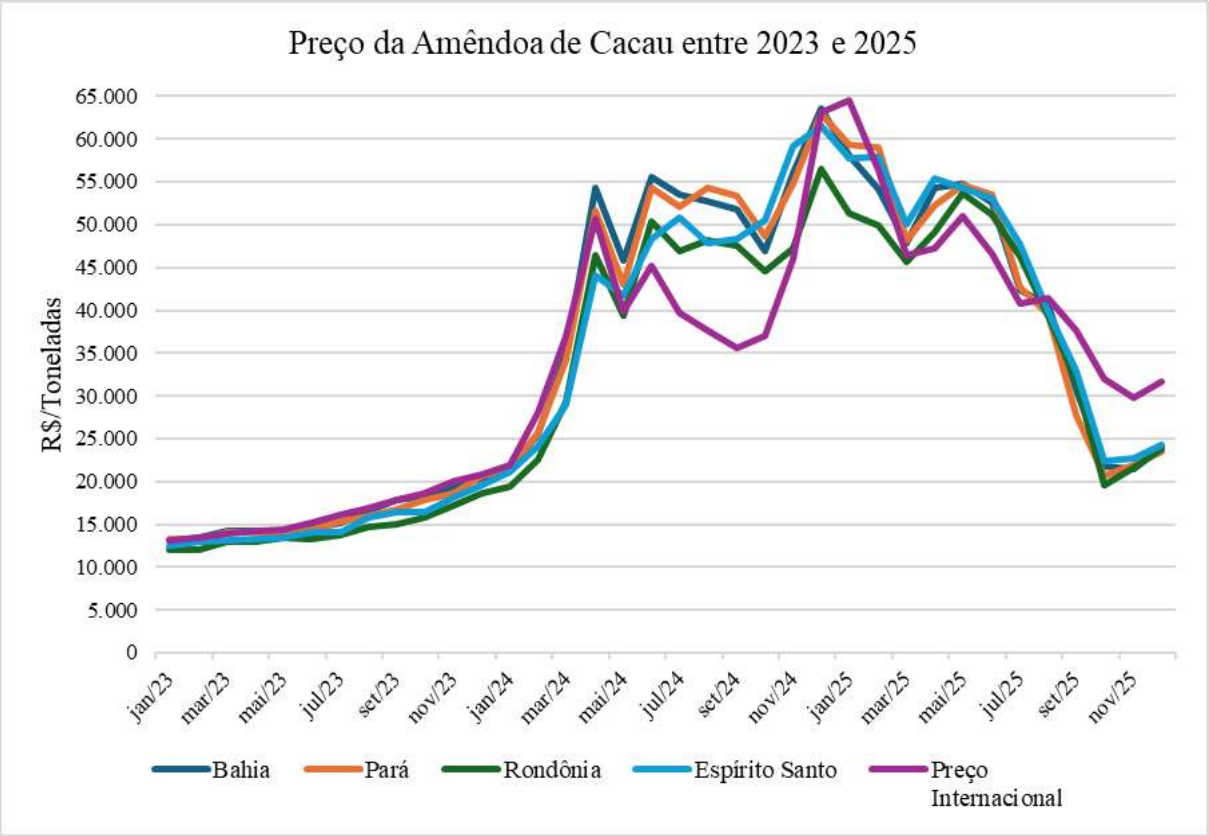
Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

rotineiro em uma escassez estrutural plurianual, que gerou a menor disponibilidade física desde a década de 1970. Além dos fatores ambientais e biológicos, também ocorreu um excesso de especulação sobre os preços nas bolsas de negociação do cacau, superestimando a queda na produção. Por outro lado, os fabricantes de chocolate relataram números fracos de moagem na Europa e no Sudeste Asiático, com consumidores sensíveis a preços migrando para formulações com menor teor de cacau, impactando diretamente a demanda por cacau (Cocoa Intel, 2025).

O preço internacional (linha roxa da Gráfico 1) acompanha essa tendência, funcionando como referência para o mercado interno. Nota-se que os preços nacionais seguem de perto essa dinâmica, o que mostra forte integração do Brasil com o mercado global, ocorrendo um pequeno descolamento dos preços nacionais para baixo a partir de setembro de 2025.

Gráfico 1 – Preços nacionais e internacionais da amêndoa de cacau entre 2023 e 2025



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Conab/Siagro (2025)

Um destaque relevante do Gráfico 1 está associado à produção de cacau fino ou especial, caracterizada por maior controle o comportamento dos preços no ES, que em diversos momentos se mantêm acima dos demais estados produtores, principalmente entre setembro e novembro de 2024 e a partir de março de 2025 (linha azul). Esse diferencial nos processos de fermentação e secagem, o que agrega valor ao produto e permite a obtenção de prêmios no mercado. Também, é comum no ES a inserção em mercados de nicho, como o segmento *bean to bar* e a exportação de cacau fino, com comercialização direta para chocolaterias artesanais e compradores internacionais, reduzindo intermediários e elevando a remuneração dos produtores. Além disso, a cacauicultura capixaba apresenta maior nível de tecnificação, rastreabilidade e adoção de boas práticas agrícolas, favorecendo uma qualidade

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

superior. Soma-se a isso a menor escala de produção, que favorece a oferta de cacau de alta qualidade e contribui para preços mais elevados diante da crescente demanda por produtos diferenciados (SEAG, 2017).

Após o pico no início de 2025, observa-se uma queda expressiva nos preços nas regiões produtoras nacionais e no mercado internacional. Esse recuo nos preços se deve a normalização da oferta, ao ajuste do mercado após alta especulativa e a redução da demanda mundial por cacau, pois as indústrias adaptaram seus produtos com fontes alternativas no mercado, reduzindo a quantidade de cacau nos chocolates. Por fim, no segundo semestre de 2025, os preços parecem se estabilizar em um nível ainda superior ao de 2023, mas bem abaixo do pico, sugerindo um novo patamar de equilíbrio (Gráfico 1).

A alta dos preços do cacau gerou impactos em toda a cadeia produtiva. No Brasil, os produtores rurais foram beneficiados pelo cenário de valorização, enquanto os produtores africanos tiveram ganhos limitados devido ao controle governamental dos preços e a problemas estruturais, como doenças nas lavouras e restrições de crédito. A indústria do chocolate enfrentou aumento dos custos, maior volatilidade e dificuldades nas estratégias de *hedge* e no planejamento da demanda. Já os consumidores passaram a conviver com preços mais elevados e persistentes. Os maiores ganhos ficaram concentrados em agentes financeiros e *tradings* que conseguiram aproveitar a volatilidade do mercado com rapidez e precisão (Cocoa Intel, 2025).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo central analisar a evolução da cacauicultura no Brasil, contemplando seus aspectos históricos, produtivos e sua inserção no mercado internacional, com ênfase na dinâmica recente de preços e na organização da cadeia produtiva. Verificou-se que a trajetória da cacauicultura brasileira é marcada por ciclos de expansão e crise, fortemente influenciados por fatores externos, políticas públicas e condições estruturais internas (pragas e doenças), evidenciando a importância histórica e econômica dessa atividade para o país.

Por meio deste estudo foi possível identificar que os ciclos históricos do cacau demonstram a transição de um modelo concentrado na BA para uma produção mais diversificada regionalmente, com destaque atual para o PA e a manutenção da relevância da produção baiana. A caracterização da cadeia produtiva evidenciou uma estrutura complexa e relativamente concentrada nos elos industriais, com forte presença de intermediários e predominância do processamento interno. O panorama produtivo revelou ainda a importância crescente de estados como RO e o ES, este estado pela produção de cacau fino e de maior valor agregado.

Em relação à inserção do Brasil no mercado global, os resultados indicam que, apesar de ser um dos maiores produtores mundiais, o país possui baixa participação nas exportações de amêndoas, em razão da elevada capacidade de processamento interno. No entanto, essa característica também representa uma oportunidade de agregação de valor e fortalecimento da indústria nacional. A análise do mercado internacional evidenciou a forte concentração da produção em países africanos e a dependência global dessas regiões, o que torna os preços altamente sensíveis a choques de oferta.

Por fim, a compreensão dos fatores que determinam a formação e o comportamento dos preços mostrou que o mercado de cacau é caracterizado por elevada volatilidade, resultante da interação entre oferta e demanda global, fatores climáticos, especulação financeira, taxa de câmbio e custos logísticos. O período recente (2023–2025) ilustrou um

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

ciclo típico de commodities, com forte valorização seguida de correção, além de destacar diferenciais regionais importantes, como os preços mais elevados do cacau capixaba.

Dessa forma, conclui-se que a cacauicultura brasileira apresenta potencial significativo de crescimento, especialmente por meio da diferenciação de produto, inovação tecnológica e inserção em mercados de maior valor agregado. Entretanto, persistem desafios estruturais relacionados à produtividade, organização da cadeia e competitividade internacional, o que reforça a necessidade de políticas públicas, investimentos e estratégias que promovam o desenvolvimento sustentável e a maior integração do Brasil no mercado global de cacau.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CHOCOLATES, AMENDOIM E BALAS (ABICAB). **O potencial de mercado para o chocolate.** São Paulo: ABICAB, 2014. Disponível em: https://s1p.livrozilla.com/store/data/000580749.pdf?k=AwAAAaA7e9FcAAACWIPdvnkCpTwYq5mnOzBtg4M7iY5d#pdfjs.action=download. Acesso em: 25 ago. 2026.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS PROCESSADORAS DE CACAU (AIPC). **A cadeia do cacau.** São Paulo: AIPC, 2026. Disponível em: https://aipc.com.br/quem-somos/a-cadeia-do-cacau/. Acesso em: 8 maio 2026.

COCOA INTEL. **What really happened to cocoa prices? A complete breakdown of the 2023–2025 boom and collapse.** 2025. Disponível em: https://www.cocoaintel.com/what-really-happened-to-cocoa-prices-a-complete-breakdown-of-the-2023-2025-boom-and-collapse/. Acesso em: 3 abr. 2026.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Sistema de Informações Agropecuárias e de Abastecimento (Siagro): consulta de preços.** Brasília, DF: Conab, 2025. Disponível em: https://consultaprecosdemercado.conab.gov.br/#/home. Acesso em: 26 ago. 2026.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP). **Agronegócio do cacau no Brasil:** produção, transformação e oportunidades. São Paulo: Fiesp, 2021. Disponível em: https://bioeconomia.fea.usp.br/wp-content/uploads/2021/10/relatorioagronegocio-do-cacauproducao-transformaca.pdf. Acesso em: 5 maio 2026.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO/UN). **FAOSTAT:** statistical database. Rome: FAO, 2024. Disponível em: https://www.fao.org/faostat/en/#data/QCL. Acesso em: 5 maio 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017. 6. ed.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal (PAM)**. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613. Acesso em: 08 mai. 2026.

INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION (ICCO). **Grindings of cocoa beans.** Abidjan: ICCO, 2025. Disponível em: https://www.icco.org/economy/#market. Acesso em: 8 mai. 2026.

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB

ISSN: 2178-9436

INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION (ICCO). **Quarterly Bulletin of Cocoa Statistics.** Abidjan: ICCO, 2025. Disponível em: https://www.icco.org/statistics/. Acesso em: 8 mai. 2026.

KRUGMAN, Paul; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional:** teoria e política. São Paulo: Makron Books, 1999.

LANDAU, Elena Charlotte *et al.* Evolução da produção de cacau. In: LANDAU, E. C. *et al.* **Dinâmica da produção agropecuária e da paisagem natural no Brasil nas últimas décadas**. Brasília: Embrapa, 2020. 4 v. p. 529-555. Disponível em: https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1122548/dinamica-da-producao-agropecuaria-e-da-paisagem-natural-no-brasil-nas-ultimas-decadas-produtos-de-origem-vegetal. Acesso em: 8 mai. 2026.

LEITE, Lucas Rasi Cunha. **Estudo de competitividade do cacau e chocolate no Brasil:** desafios na produção e comércio global. Brasília, DF: MDIC, 2018. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366689/. Acesso em: 15 abr. 2026.
OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY (OEC). **Grãos de cacau.** Cambridge: OEC, 2024. Disponível em: https://oec.world/en/profile/hs/cocoa-beans. Acesso em: 8 mai. 2026.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT) e MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO (MPT). **Cadeia Produtiva do Cacau -** Avanços e Desafios Rumo à Promoção do Trabalho Decente: análise situacional. Brasília: MPT, 2018. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/@americas/@ro-lima/@ilo-brasilia/documents/publication/wcms_817094.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 2 ed. Disponível em: https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA (SEAG). **Cacau capixaba entre os melhores do mundo.** Vitória, ES: SEAG, [2017]. Disponível em: https://seag.es.gov.br/Not%C3%ADcia/cacau-capixaba-entre-os-melhores-do-mundo. Acesso em: 26 ago. 2026.

SILVA, Daniel Neves. **Ciclo do cacau.** Goiânia: Brasil Escola, 2026. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/ciclo-do-cacau.htm. Acesso em: 08 mai. 2026.
SIMONSEN, Roberto Cochrane. **História econômica do Brasil:**1500/1820. São Paulo: Editora Nacional, 1978. p. 371-372.

TREVIZAN, Salvador D. P.; MARQUES, Margarida. Impactos socioeconômicos da crise do cacau: um estudo de comunidade-caso. **Agrotrópica**, Ilhéus, BA, v. 14, n. 3, p. 127-136, 2002. Disponível em: https://repositorio-dspace.agricultura.gov.br/bitstream/1/1655/1/BR2019000770.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.